

Gil Vicente Lourosa¹; Daiane S. Lattuada²; Paulo Vitor Dutra de Souza³.

gillourosa@hotmail.com

¹Graduando em Agronomia, Bolsista, UFRGS; ²Eng. Agr. MSc. Doutoranda do PPGFitotecnia, Dept. de Horticultura e Silvicultura da UFRGS;

³Dr. Prof. Dept. de Horticultura e Silvicultura, Fac. Agronomia, UFRGS.

INTRODUÇÃO

Frutíferas nativas pertencentes à família Myrtaceae são amplamente distribuídas pelo território brasileiro e constituem um patrimônio genético de grande valor, além de apresentarem potencial para a exploração agrícola. Dentre as espécies de Mirtáceas com importância econômica destacam-se a cerejeira-do-mato (*Eugenia involucrata* DC), a pitangueira (*Eugenia uniflora* L.) (Manica, 2002), o guabijuzeiro (*Myrciastes pungens*), a grumixameira (*Eugenia brasiliensis*) e o araçazeiro (*Psidium cattleianum*).

Apesar do potencial econômico, a maioria dos pomares destas frutíferas são oriundos de propagação via sementes, o que acarreta em grande heterogeneidade entre plantas, baixa produtividade e frutos de má qualidade (Bezerra et al. 2002). Neste contexto, métodos de propagação vegetativa, virão propiciar a fixação de genótipos importantes e de interesse agrícola. No entanto, este processo é dificultado pela lignificação do lenho e oxidação de compostos fenólicos que especialmente em espécies da família Myrtaceae, dificulta a formação do calo e o processo de cicatrização (Fachinello et al., 2005). Em função disto, a adoção da técnica de estaquia herbácea, utilizando-se ramos ainda não lignificados, seria benéfico, pois as células do parênquima estarão menos lignificadas, e menor será a reação de oxidação, o que poderá facilitar o processo de enraizamento.

OBJETIVO

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo testar a viabilidade da técnica de estaquia de cinco espécies de Myrtaceae, *Eugenia uniflora* L. (pitangueira), *Eugenia involucrata* (cerejeira-do-rio-grande ou cerejeira-do-mato), *Myrciastes pungens* (guabijuzeiro), a *Eugenia brasiliensis* (grumixameira) e o *Psidium cattleianum* (araçazeiro).

METODOLOGIA

Estacas herbáceas de cinco espécies de Myrtaceae foram coletadas de plantas matrizes juvenis (3 anos de idade), cultivadas em recipientes e em casa de vegetação, (30°04'26,04"S e 51°08'7,08"W; 46,97m de altitude e 46,97m de altitude).

As estacas foram coletadas em novembro de 2010, selecionadas quanto ao seu comprimento (aproximadamente 5cm), sendo mantidas duas metades de folhas opostas na porção superior de cada estaca. Na base das estacas realizou-se um corte em bisel com auxílio de bisturi, visando expor o câmbio e imergiu-se por 10 segundos em soluções de auxina testadas no experimento. Foram testadas quatro doses de soluções hidroalcoólicas de ácido indolbutírico (AIB): zero, 1000, 2000, 3000 e 4000mg.L⁻¹(figuras 2, 3, 4, 5 e 6 respectivamente). Desta forma, o experimento consistiu-se de 25 tratamentos a partir de dois fatores (espécie e doses de AIB), usando-se 10 estacas por tratamento em quatro repetições.

Após os tratamentos as estacas foram implantadas em bandejas multicelulares com 50 células de 120cm³ cada célula, preenchidas com casca de arroz carbonizada (CAC) (figura 1). O experimento foi mantido em câmara de nebulização intermitente (aspersão por 1 minuto a cada 20 minutos). A umidade relativa do ar esteve a 90% ±5% e a temperatura média foi de 21°C, durante o período do experimento (novembro de 2010 a março de 2011).



Figura 1

Após 120 dias da instalação do experimento avaliou-se o percentual de sobrevivência, de calogênese e enraizamento das estacas (tabelas 1 e 2).

Ao final do experimento as estacas foram destruídas para análise dos parâmetros de crescimento das mudas como massa fresca e massa seca de parte aérea e raiz (g), número de folhas por planta e a área foliar por planta (cm²), medida através de um medidor de área marca LI-Cor, modelo LI - 3100. O acúmulo de massa seca das raízes e parte aérea por planta foi obtido pela secagem em estufa, com temperatura de 65°C, até atingir peso constante. O restante das mudas foi transplantado para recipientes maiores para avaliações futuras.

O delineamento experimental adotado foi o completamente casualizado, sendo composto por quatro repetições de 10 estacas cada.

Os resultados foram submetidos à análise de variância, sendo as médias diferenciadas estatisticamente pelo teste de Tukey ($P > 0,05$) ou análise de regressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espécie	mg.L ⁻¹ AIB				
	0	1000	2000	3000	4000
% calogênese					
Pitangueira	10 b	0	0	5 b	5 c
Guabijuzeiro	17,5 b	0	0	0 c	7,5 b
Cerejeira-do -mato	0	0	0	0 c	7,5 b
Grumixameira	57,5 a	0	0	15 a	42,5 a
Araçazeiro	2,5 c	0	0	0 c	2,5 d
CV%	16,85	35,78	ns	ns	23,94
Tabela 1	Tukey 5%				

Espécie	mg.L ⁻¹ AIB				
	0	1000	2000	3000	4000
% enraizamento					
Pitangueira	55 a	35 a	5 a	50 a	20 ab
Guabijuzeiro	15 bc	0 b	35 ab	2,5 b	7,5 b
Cerejeira-do -mato	12,5 c	17,5 ab	12,5 bc	2,5 b	7,5 b
Grumixameira	12,5 c	17,5 ab	12,5 bc	37,5 ab	15b
Araçazeiro	50 ab	37,5 a	47,5 a	22,5 ab	50 a
CV%	57,35	62,06	50,14	61,74	68,61
Tabela 2	Tukey 5%				

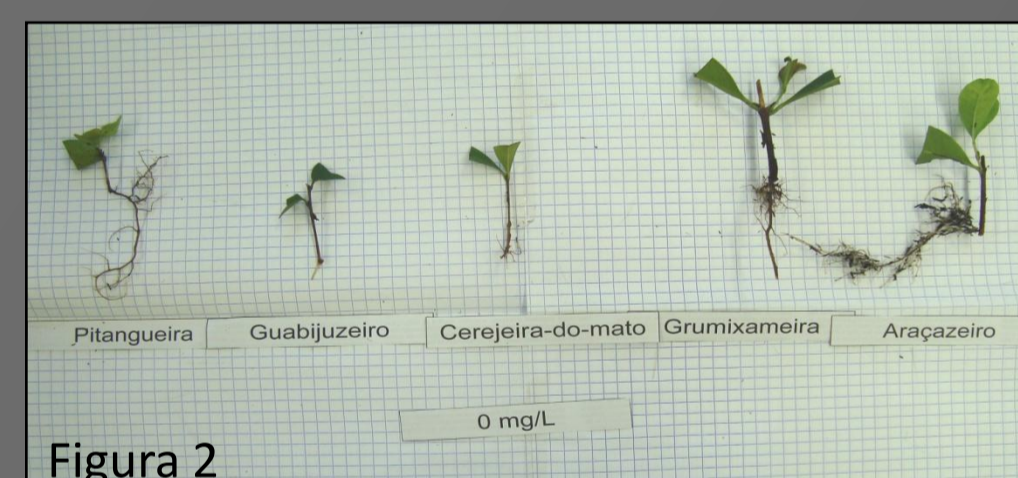


Figura 2

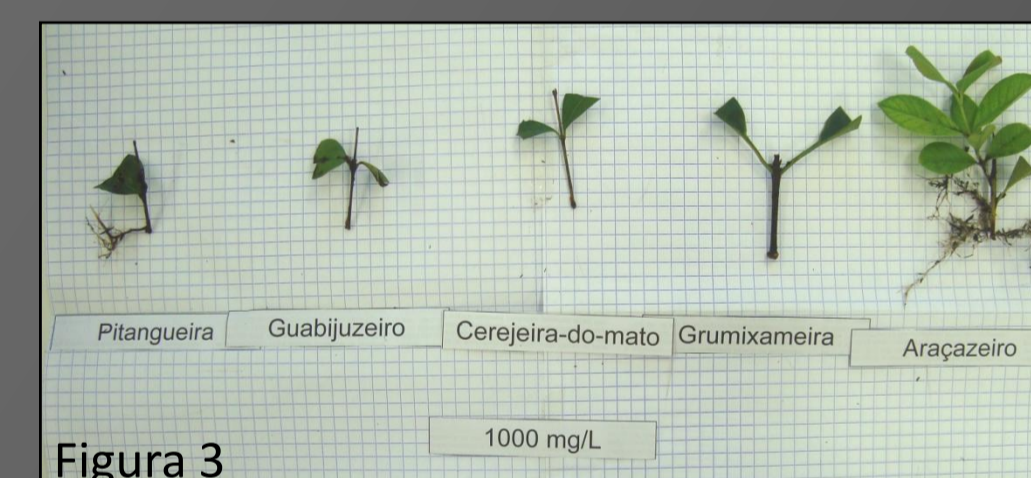


Figura 3

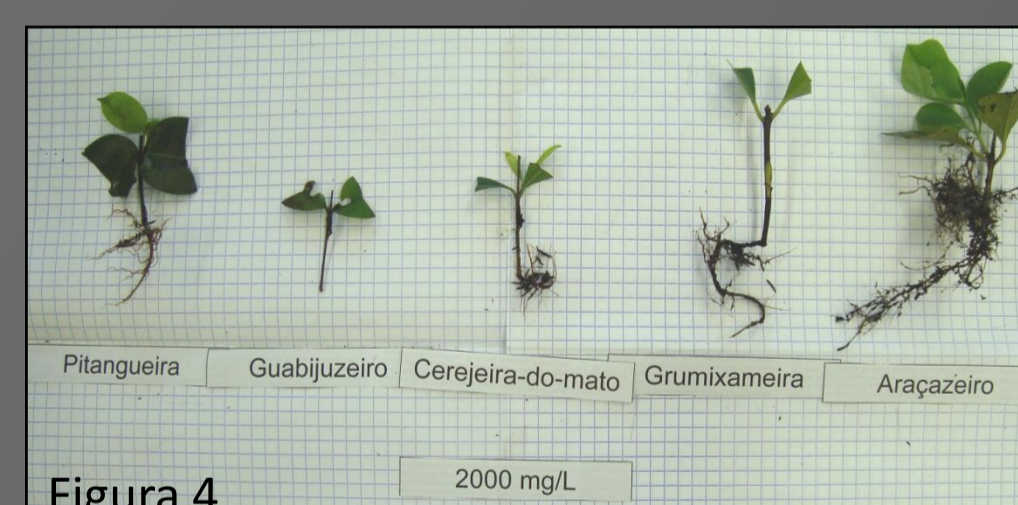


Figura 4

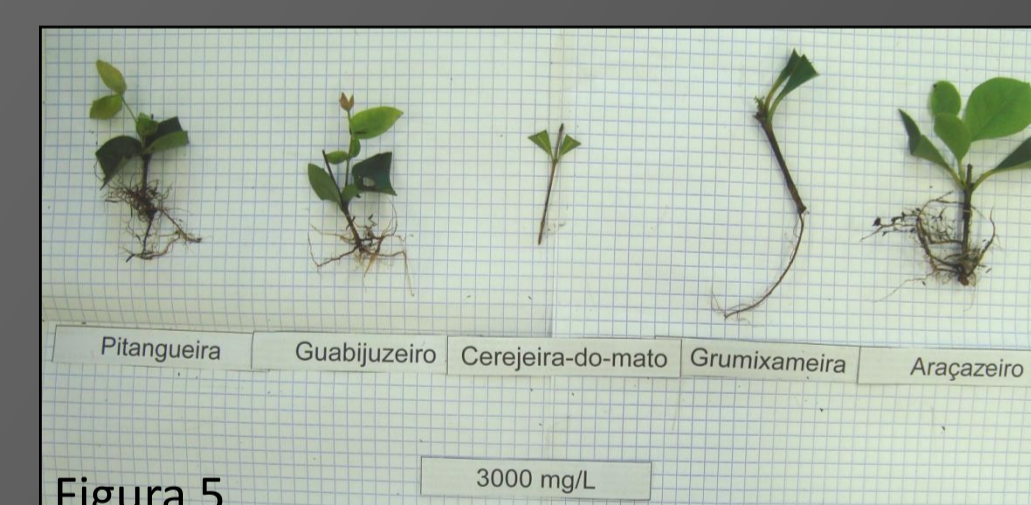


Figura 5

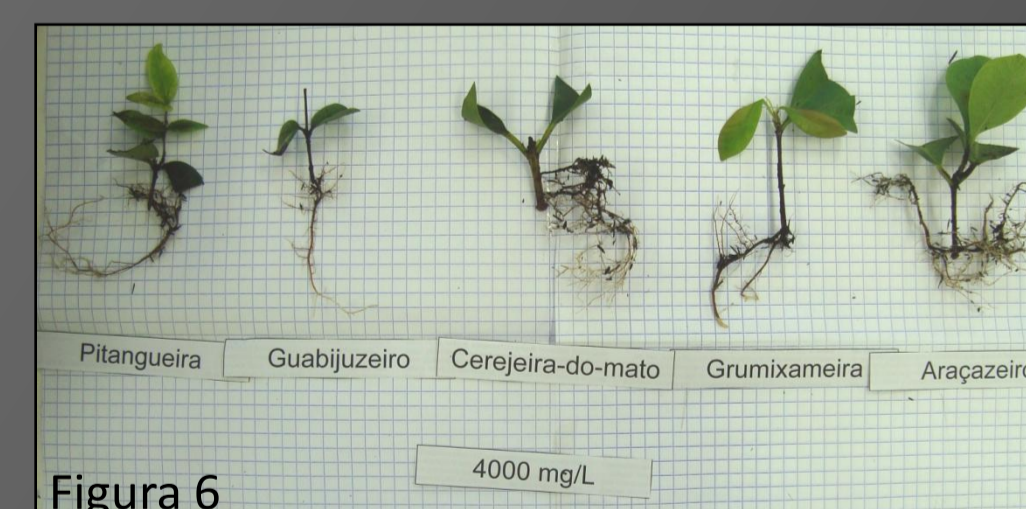


Figura 6

CONCLUSÕES

Os maiores percentuais de enraizamento foram observados em pitangueira na ausência de AIB (55%), seguido do araçazeiro nas doses de 0 e 4000 mg.L⁻¹ AIB (50%), da grumixameira na dose de 3000 mg.L⁻¹ AIB (37,5%), do guabijuzeiro na dose de 2000mg.L⁻¹ AIB (35%) e da cerejeira-do-mato na dose de 1000 mg.L⁻¹ AIB (17,5%). A única espécie que apresentou calogênese significativa foi a grumixameira especialmente nas doses de 0 e 4000 mg.L⁻¹ AIB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, J.E.F.; LEDERMAN, I.E.; FREITAS, E.V. de; SILVA JÚNIOR, J.F. da. Propagação de genótipos de pitangueira (*Eugenia uniflora* L.) pelo método de enxertia de garfagem no topo em fenda cheia. *Revista Brasileira de Fruticultura*, Jaboticabal, v.24, n.1, p.160-162, 2002.

FACHINELLO, J. C.; HOFFMANN, A.; NACHTIGAL, J. C.; *Propagação de plantas frutíferas*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 221p.

MANICA, I. *Frutas nativas, silvestres e exóticas 2: técnicas de produção e mercado, feijoa, figo-da-índia, fruta-pão, jaca, lichia, mangaba*. Porto alegre: Cinco Continentes, 2002. 541p.